



Arquivo

A indústria brasileira de informática arrecadou Cr\$ 40 bilhões em 81

O avanço da microeletrônica

O Brasil prepara-se para desenvolver tecnologia própria nos diversos campos de microeletrônica. Este ano começa a funcionar o Instituto Brasileiro de Microeletrônica com o objetivo de criar projetos que possam ser assimilados pela indústria privada nacional. Ele estará estrategicamente localizado, na proximidade do grupo de professores da Unicamp, em Campinas, responsável pelos estudos embrionários para o seu surgimento. Em torno dele e da Unicamp deverão instalar-se indústrias que irão fabricar os componentes básicos para o surgimento de um vasto setor da microeletrônica.

Duas empresas já confirmaram sua instalação em Campinas, a Companhia Docas de Santos e o Grupo Itaú, ambas funcionando paralelamente ao instituto. O físico Rogério César Cerqueira Leite, da Unicamp, defende a implantação de um projeto industrial semelhante ao formado no vale do Silício, nos Estados Unidos, onde funcionam umas 500 unidades industriais de microeletrônica.

O instituto produzirá tecnologia de dispositivos usando técnicas digitais. A aplicação é vasta, indo de sistemas de computação até microprocessadores. Na verdade, são pequenos computadores usados em automóveis, motos, simples bateadeiras de ovos ou sofisticados sistemas de controle de qualidade em indústrias automatizadas.

O instituto desenvolverá processos que possam ser transferidos à indústria, e segundo o professor Cerqueira Leite, esta "é a mais rápida e eficiente solução para um país em desenvolvimento acudado por pressões advindas de interesses de companhias transnacionais. No passado seria impossível esperar que a Universidade se encarregasse das tecnologias específicas e as transferisse ao setor produtivo. A im-

plantação de institutos de pesquisa dedicados a tecnologias muito especiais torna-se obrigatória pela competição entre os grandes complexos tecnológicos".

Com isso, as duas empresas privadas que estão sendo criadas em Campinas receberão suporte do governo. Solução idêntica, segundo o professor, foi adotada no Japão, onde o Ministério de Indústria e do Comércio Exterior possui 25 institutos de pesquisa atuando setorialmente e dedicados integralmente ao suporte de indústrias emergentes que estariam em competição desfavorável com similares ocidentais.

A proximidade física entre a Unicamp, indústrias e os institutos é fundamental para Cerqueira Leite. Segundo ele, o homem é o único vetor na transferência de tecnologia, pois "de nada adiantam documentos, papéis. As informações técnicas ajudam, mas o que é importante é o contato entre as pessoas que provoca a troca de idéias e a concorrência". Ele cita como exemplo disso a falência da Transit, fábrica de microcircuitos e dispositivos eletrônicos com base em silício, que funcionava em Montes Claros, no interior mineiro, onde ficou isolada demais da comunidade técnica e científica.

INFORMÁTICA

A indústria brasileira de informática arrecadou, em 1981, uns 40 bilhões de cruzeiros, e, para este ano, alguns empresários, otimistas, esperam um faturamento de Cr\$ 80 bilhões. Mas este otimismo é reforçado na medida em que milhares de agências bancárias estudam a possibilidade de serem "automatizadas", com terminais de computadores e demais equipamentos. E um grande número de empresas está entrando no mercado:

no começo do ano surgiram 13 projetos de fabricação de minicomputadores.

A rede bancária aparece como o maior cliente em potencial, com a indústria nacional de informática preparando-se para ajudar a burocracia existente na Câmara de Compensação dos bancos a eliminar um volume de papéis que atinge 400 milhões de documentos por ano. Na verdade, já existem diversos equipamentos e novos métodos para resolver esses problemas, como o cartão CMC-7 (para operar na boca da caixa), a compensação eletrônica, padronização para troca de fitas entre bancos e empresas, cartão magnético e padronização de cheques, entre outros. Mas o Conselho Nacional de Automação Bancária — CNAB — descarta hoje tentar padronizar essa automação no País, tendo em vista que muitos projetos em curso estão desvinculados de uma política global.

As empresas de informática estão disputando a fatia compreendida por 108 bancos, com mais de 13 mil agências em todo País. Porém o CNAB esclarece que o número de opções é reduzido, quando se leva em conta que 90% deste mercado está concentrado em apenas 20 bancos. Daí o perigo de a euforia levar alguns fabricantes ao desaparecimento, no futuro, "devido à saturação".

Os empresários do setor aguardam a definição de uma política nacional pela Secretaria Especial de Informática — SEI — e uma comissão da secretaria já divulgou uma primeira proposta, considerada "positiva" pelos industriais da informática: o Projeto Cepeinne, que em dois anos, com Cr\$ 300 milhões, pretende instalar uma rede universitária de teleinformática na região Norte-Nordeste, contando com a participação do MEC, Embratel e outros setores ligados à pesquisa.